

VELHICES DISSIDENTES DE GÊNEROS E SEXUALIDADES: AS OCUPAÇÕES COLETIVAS FRENTE A PANDEMIA COVID-19

Old age dissenting in genders and sexualities: collective occupations in the face of the Covid-19 pandemic

Vejez disidentes de géneros y sexualidades: ocupaciones colectivas frente a la pandemia Covid-19

Resumo

Este ensaio aborda as velhices dissidentes de gênero e sexualidade, ou comumente identificadas como LGBTQI+, no enfrentamento das questões colocadas pelo atual momento de pandemia da Covid-19. No entanto, no transcorrer do debate, identificamos que a gramática das trajetórias de envolvimento ocupacional desta população, que ambigüamente convive com os agenciamentos do estigma do ser velho e da identidade de gênero e sexual, caminharam para além das estratégias de enfrentamento da atual pandemia. É sim, para um processo complexo e longitudinal, histórico e culturalmente construído, dos mecanismos de abjeção e invisibilidade que os colocam na dicotômica e injusta condição de buscar 'saídas do armário' para responder entre as privações de liberdade e as libertações de gênero e sexualidade. A vivência de situações de crise coloca na arena política abertamente as fragilidades e vulnerabilidades desta população. Neste sentido, compartilhamos conjecturas teóricas a partir dos estudos da ocupação humana sobre as coesões e disjunções do tecido social, a intencionalidade do agir coletivo, e contextualizamos estes posicionamentos com algumas ações desenvolvidas na ONG EternamenteSOU, na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, na qual fazemos parte como agentes voluntários.

Palavras-chave: Envelhecimento; Gênero; Idosos, LGBT; Sexualidade; Terapia ocupacional.

Abstract

This essay addresses old age dissenting in gender and sexuality, or commonly identified as LGBTQI+, in addressing the questions posed by the current pandemic moment of Covid-19. However, in the course of the debate, we identified that the grammar of the trajectories of occupational involvement of this population, which ambiguously coexists with the agencies of the stigma of being old and of gender and sexual identity, went beyond the strategies of coping with the current pandemic. And yes, for a complex and longitudinal, historically and culturally constructed process, of the mechanisms of abjection and invisibility that place them in the dichotomous and unfair condition of seeking 'out of the closet' to respond between deprivation of liberty and liberations of gender and sexuality. The experience of crisis situations places the weaknesses and vulnerabilities of this population in the political arena. In this sense, we share theoretical conjectures from the studies of human occupation on the cohesions and disjunctions of the social fabric, the intentionality of collective action, and contextualize these positions with some actions developed at *EternamenteSOU* a Non-governmental organization, in the city of São Paulo and Rio de Janeiro, we are part of as volunteer agents.

Key words: Aging; Gender; Elderly, LGBT; Sexuality; Occupational therapy.

Resumen

Este ensayo aborda las vejez disidentes de género y sexualidad, o comúnmente identificadas como LGBTQI+, al abordar los problemas planteados por el momento pandémico actual de Covid-19. Sin embargo, en el curso del debate, identificamos que la gramática de las trayectorias de participación ocupacional de esta población, que coexiste ambigüamente con las agencias del estigma de ser viejo y de identidad de género y sexualidad, fue más allá de las estrategias para enfrentar la pandemia actual. Y sí, para un proceso complejo y longitudinal, construido histórica y culturalmente, de los mecanismos de abyección e invisibilidad que los colocan en la condición dicotómica e injusta de buscar 'fuera del armario' respuestas entre la privación de libertad y las liberaciones de género y sexualidad. La experiencia de situaciones de crisis coloca abiertamente las debilidades y vulnerabilidades de esta población en la arena política. En este sentido, compartimos conjecturas teóricas de los estudios de la ocupación humana sobre las cohesiones y disyunciones del tejido social, la intencionalidad del actuar colectivo, y contextualizamos estas posiciones con algunas acciones desarrolladas en la ONG EternamenteSOU, en la ciudad de São Paulo y Río de Janeiro, donde somos parte como agentes voluntarios.

Palabras clave: Envejecimiento Género; Adultos mayores, LGBT; Sexualidad; Terapia ocupacional.

Ricardo Lopes Correia

Terapeuta Ocupacional. Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
toobis@gmail.com

Marcos Corrêa

Publicitário. Voluntário da ONG EternamenteSOU Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
marcoscorreab@gmail.com

Rogério Pedro

Presidente da ONG EternamenteSOU São Paulo, SP, Brasil.
gestor@eternamentesou.org

Yone Lindgren

Jornalista. Voluntária da ONG EternamenteSOU Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Wallace Nascimento

Historiador. Homem gay negro. Voluntário da ONG EternamenteSOU Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
wallylove2016@gmail.com

Indianara Siqueira

Ativista social trans. Coordenadora da Casa Nem. Mobilizadora da ONG EternamenteSOU Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
[@indianaresiqueira](https://www.instagram.com/indianaresiqueira)

**LOCKDOWN DE UMA VIDA LGBTIA+
OPEN DOWN FOR LOVING IN THE LOVE**

Queria sentir os abraços mas não era mais possível.
Queria beijar tua face e receber um beijo na testa de volta
Mas não nos era mais possível
Só podia te ver ao longe pra minha segurança psicológica e até física
Que tempos terríveis estou vivendo
Como será que está sendo para você esse nosso afastamento?
Fui me habituando e como algumas coisas com o tempo deixam de ser corriqueiras esse nosso distanciamento físico e isolamento social passou a ser visto por mim como minha condição natural por conta de minhas "escolhas" como vocês diziam.
Ser quem sou era difícil até pra mim pois precisava rever valores que me foram ensinados desde muito criança. Me desfazer de toda minha vida construída e estruturada por vocês.
Passamos a ser então vocês e eu. Não éramos mais nós e nunca mais seríamos.
Passei fome, frio, sede, dormi algumas vezes nas ruas. Me espancaram e eu me perguntava: Cadê vocês para me ajudarem nesses momentos difíceis. Afinal vocês diziam: Somos família e temos que star junto sempre.
Mas esses laços eram tão frágeis que bastou minha sexualidade ser diferente da vocês ou eu fazer uma escolha por uma identidade de gênero que vocês julgavam incompatível com o que vocês desenharam como meu futuro e nossos laços que vocês diziam tão fortes se romperam. E de família vocês foram meus primeiros algozes.
A dor e o tempo passaram. Me encontrei com minha comunidade e apesar de nossas diferenças agora tinha uma família novamente.
E assim o tempo passou, foi passando cada vez mais. Sentia cada vez menos falta dos beijos e abraços de vocês e das preocupações que vocês já não tinham mais por mim ou comigo.
Será que pensa em mim nesse momento?
Sim nesse momento em que um vírus devasta a humanidade será que pensa se estou com vida ainda?
Eu penso em vocês e me preocupo como devem estar. Se estão bem, se cuidando ,se alimentando, se tem alimentos pra isso.
Sim lembrei de vocês, coisas que a muito tempo não fazia mas não por te haver esquecido e sim por haver guardado vocês em um lugar de minhas memórias que peguei o hábito de não visitar tanto.

Nesse momento em que um vírus mortal ataca a humanidade meus pensamentos se voltam pra vocês.
Sim, sei que em alguns momentos vocês preferiram ter filho bandido, criminoso do que alguém como eu e que preferiam minha morte.
Mas não consigo não pensar em vocês pai, mãe, irmãs, irmãos nesse momento.
Queria ao menos saber que estão bem.
Queria talvez se possível voltar e cuidar de vocês. Pode ser a distância mesmo.
Pais, família esse isolamento social que vocês estão vivendo nesse momento é o mesmo que vocês me impuseram por ser LGBTIA+ e a sociedade se fechou também pra mim.
Eu e minha comunidade sempre vivemos um LOCKDOWN.
Mas nesse momento estou disposta a esquecer tudo pra que possamos nos ajudar.
Temos a oportunidade de apagar o passado e re-escrever a humanidade pra ver se dessa vez dá certo.
Estendo então nesse momento minhas mãos mesmo sem podermos nos tocar e a ajuda de minha comunidade a todes vocês.
Que o mundo nunca mais volte a normalidade.
O "normal" feriu, matou, excluiu, explorou, escrivizou, guerreou e quase destruiu o planeta com bombas atômicas que não obstante o poder de destruição dessas foram aperfeiçoar com bombas de nêutron e armas mais "sofisticadas", precisas e mortais para tirar vidas.
Por um mundo sem exclusões e sem LGBTIFOBIA.
Para que continue em repouso, relaxando e se curando.
Que o novo despertar seja inclusivo em toda sua amplitude respeitando toda a diferença.

Despertai e vos respeiteis e amais-vos uns aos outros como nunca o fizeste antes.

QUE SEJA O NOVO DE NOVO UM APRENDIZADO
CONSTANTE COMO DEVERIA SER DESDE SEMPRE.

OPEN DOWN FOR LOVING IN THE LOVE
ABERTOS PARA AMAR O AMOR

By Indianara Siqueira

1 Introdução

Este artigo aborda as velhices dissidentes de gêneros e sexualidades no contexto atual da pandemia COVID-19. E, para tanto, trás um recorte de experiências que ilustram a ação coletiva e solidaria em momentos de crise vivenciadas por esta população, através do que compreendemos por ocupações coletivas. Trata-se de um ensaio intergeracional, escrito por várias pessoas também dissidentes, envolvidas em movimentos sociais, pesquisa, assistência e trabalho voluntário na temática.

E por que focalizar as velhices dissidentes de gênero e sexualidade?

Compreendemos que as pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades¹, ou aquelas aglutinadas nas siglas LGBTQI+, possuem modos de vida performados em contextos específicos que diferem e divergem das vivências heterocisnormativas. São vivências relacionadas a saúde, as questões sociais, culturais, educacionais, de mobilidade, políticas, entre outras, que chamam à atenção porque são modos de vida historicamente abjetados e invisibilizados, e que possuem valor em si mesmo como seres humanos. E toda experiência humana é digna de ser conhecida e compreendida.

Discutimos aqui que além dos estigmas da velhice, como um período de vida marcado por uma série de processos específicos, articulam-se também signos da estigmatização da sexualidade e das identidades de gênero. Que conseqüentemente na vida cotidiana demarcam um tipo de envolvimento ocupacional também específico, como o isolamento social involuntário, a marginalização, a depressão evitável, os riscos de adoecimento, a privação da liberdade, entre outros. A compreensão sobre estes contextos específicos, denominaremos aqui de 'ocupações situadas das velhices dissidentes de gêneros e sexualidades'.

Para além dos aspectos 'negativos' atribuídos na representação social das velhices dissidentes, compreender as diversas vivências da experiência e realidade humana neste momento da vida, permite a produção de desejos sobre a diversidade, e com isso processos mais justos de sociabilidade, alteridade e solidariedade, assim como de ações tácitas no cotidiano como a construção de amizades e redes de suporte social. Ainda, em uma dimensão macrossocial, este debate promove ações técnicas mais qualificadas às necessidades desta população e o fomento e implementação de instrumentos jurídico-institucionais, como as políticas públicas específicas às velhices dissidentes de gêneros e sexualidades.

Abordar a diversidade não significa tratar o assunto sem a discriminação e aprofundamento crítico dos sujeitos representados na sigla LGBTQI+. A homogeneização reduz e superficializa as vivências em contextos específicos de cada segmento social. Sabemos das lutas que muitos movimentos empreenderam e continuam empreendendo para visibilizar as suas existências, e com isso tensões identitárias e, portanto, culturais e políticas,

também se dinamizam e disputam lugar entre si dentro do próprio 'campo' LGBTQI+. No entanto, ao mesmo tempo que o 'encaixotamento' da vivência humana em um nome (classificação) reduz a sua complexidade e potencialidade, é também a produção e/ou o desvelamento de "novos" e "outros" sujeitos sociais, sobretudo, que divergem as lógicas sociais estabelecidas, como as da própria linguagem. Por isso, o ensaio aqui produzido seguirá a ambiguidade das classificações, e irá toma-las, no caso das populações LGBTQI+, a partir da compreensão de dissidentes de gêneros e sexualidades¹ como estratégias performativas de acoplamentos identitários na vida cotidiana para a garantia de suas existências, da ampliação da extensão das liberdades e da inclusão na vida humana compartilhada.

Para ilustrar o debate, compartilharemos algumas ações desenvolvidas, de natureza intergeracional, de uma Organização Não Governamental (ONG) denominada EternamenteSOU, na qual fazemos parte, em mútua relação entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil. Focalizaremos algumas ações específicas para este momento de crise epidêmica e social da COVID-19, compreendendo a atenção que o momento merece. Porém, reforçamos a importância dos processos longitudinais e transversais que iremos discurrir ao longo deste ensaio.

Também, propomos uma leitura deste contexto, que não é a única, a partir dos estudos da ocupação humana, principalmente através do construto 'ocupações coletivas' como uma intencionalidade do agir coletivo, frente aos momentos de ruptura da coesão social e dos modos de existência. Assim, as ações que serão apresentadas compreendem, nesta perspectiva, as ocupações nas quais as pessoas intergeracional e coletivamente se envolvem para garantir, primariamente, a coesão de sua 'comunidade' dissidente de gênero e sexualidade e, com isso, ascender possibilidades de compartilhamento (sociabilidade e convivência) mais amplas na vida humana.

Em um momento, sobretudo o Brasil, que nos encontramos em uma crise viral, também vivenciamos uma crise política, com ações governamentais desarticuladas e que minimizam medidas de proteção e, principalmente, desvalidam a vida humana. Para não abrirmos um necessário debate sobre as estratégias fascistas e ditatoriais atuais, porque não seria possível trata-las no enquadramento deste artigo, apenas iremos mencionar a conjuntura política e crise do Estado brasileiro, para que não chegue aos leitores a ideia equivocada ou implícita de que as ações compartilhadas aqui são neutras ou apolíticas. E ao contrário, o envolvimento e o desvelamento destas ações são em si, do pensamento as mudanças sociais concretas, mecanismos de resistência política.

Contudo, esperamos que este artigo inicie e/ou desvele realidades da população velha dissidente de gêneros e sexualidades, compreendendo as ambiguidades experimentadas entre as privações de liberdade e as estratégias de realização da vida.

1.1 Os nomes designam representações sob os modos de agir no mundo: as velhices dissidentes de gênero e sexualidade

As palavras, na maioria das vezes, trazem consigo uma forte associação. O termo pensionista, no Reino Unido, é muitas vezes usado como sinônimo de pessoa velha. Lá, é esperado que as avós sejam, por excelência, pessoas velhas. Assim, há uma estreita relação entre ser pensionista, ser avó e ser uma pessoa velha (Bytheway, 1995 apud Schneider e Irigaray²).

A velhice é uma etapa da vida. É ampla e complexa, pois conjuga fatores biológicos, psíquicos, sociais, culturais e políticos². As gramáticas que são escritas para e pelos sujeitos da velhice transcendem as médias e os índices institucionais, que, muitas vezes, não levam em conta as singularidades dos cruzamentos destes fatores.

Sob uma perspectiva biológica, 'envelhecer' é um processo de desenvolvimento que se dá a partir da maturação do organismo e transcorre com perdas funcionais até a morte. Logo, todos nós estamos envelhecendo, e é esperado que perdas funcionais relacionadas as habilidades físico-motoras, sensoriais, cognitivas e capacidades sociais se deem³. No entanto, se considerarmos a articulação complexa dos fatores mencionados, o modo como se estende o curso deste envelhecer não é o mesmo para todas as pessoas, se expressando em tempos e qualidades bastante distintos.

Por 'pessoa idosa' (ou população idosa, demograficamente) compreende-se, no campo da Gerontologia, um termo para designar o ciclo de vida específico e diretamente atrelado ao aumento da longevidade populacional. Assim, em alguns países denominados 'desenvolvidos' a pessoa idosa pode ser aquela com mais de 65 anos de idade, e em países 'em desenvolvimento' a partir dos 60 anos³. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) pessoa idosa é alguém com 60 anos ou mais, podendo sofrer variações de acordo aos interesses e necessidades das políticas públicas. Esta faixa etária também é aplicada no Estatuto do Idoso no contexto brasileiro⁴. Já a 'velhice' ou 'velho/velha' (neste artigo utilizaremos uma linguagem mais acessível aos gêneros = 'velhes'), é uma fase específica do envelhecimento. Na Gerontologia, a velhice compreende os momentos mais avançados, ou finais, do envelhecimento, com o aparecimento de limitações e perdas funcionais³.

Para Schneider e Irigaray², considerando os estudos do campo da Gerontologia, a pessoa idosa seria aquela somente entre os 60 e 65 anos de idade. E com uma divisão de três fases subsequentes: idosos jovens (65 a 74 anos), idosos velhos (75 a 84 anos) e idosos mais velhos (acima de 85 anos). Estes últimos, considerados os propriamente velhos são os mais suscetíveis a doenças, deficiências e limitações para desempenhar atividades de vida diária (AVD). Essa classificação, como argumentam os autores, colabo-

ram para uma compreensão preconceituosa e limitante da idade cronológica e biológica como definidoras da velhice. Eles problematizam esta afirmação a partir da discussão sobre “idade funcional” (p. 586)², na qual a velhice seria compreendida pela capacidade de funcionar em um determinado ambiente físico e social, a depender da cultura estabelecida. Assim, algumas pessoas seriam mais ou menos funcionais para além da idade que os colocariam como pessoas idosas, mas também decorrente das oportunidades do contexto e da trajetória histórica construída.

Neste sentido, a medida do que seria o momento da velhice não apresenta uma consenso na literatura, em específico da Gerontologia. Isso porque, a velhice, como qualquer fase do desenvolvimento, articula uma série de fatores que irá demarcar um tipo específico de vivência e que, portanto, culminará em uma compreensão e um prazo da extensão da longevidade. Fatores como a pobreza, gênero, cor, etnia, escolarização, recursos urbanos, renda, classe social, entre outros, expressam modos singulares da vivência do envelhecimento e, portanto, da velhice.

Segundo Neri³, a longevidade aumenta conforme as mudanças sociais vão se dando. Com o desenvolvimento e aquisição da ciência, tecnologias e ativos econômicos algumas populações passam a viver mais e com maior qualidade, dando um sentido ‘ativo’ e ‘positivo’ ao processo de envelhecimento. A longevidade para algumas pessoas pode se estender até os 120 anos de idade no mundo contemporâneo. No entanto, como a longevidade do envelhecimento é dependente da estrutura cultural de uma determinada nação o dado cronológico do que é ser velhe é variável dependente da articulação de todos os fatores mencionados. Assim, a extensão da longevidade pode ser na máxima etária se considerarmos condições contextuais ‘perfeitas’ para a velhice, e mínima, se considerarmos, como a maioria da população trans, condições sub-humanas de existência e participação social, que privam as suas liberdades.

Uma questão: *Se considerarmos, por exemplo, a subnotificação das motivações que acarretam na expectativa de vida de pessoas trans para 35 anos de idade, poderíamos afirmar que estas pessoas não chegam a ser velhas, pois são mortas logo na primeira fase da vida adulta? Ou poderíamos considera-las velhas ‘precoces’?*

Bem, talvez possamos começar compreendendo que a forma como as pessoas dissidentes de gênero e sexualidade envelhecem é lida de forma distinta do grupo hegemônico da sociedade. E isso porque, de forma geral, o ser ‘velhe’ é marcado por representações de um tempo construído sob dados majoritariamente hegemônicos, de pessoas heterocisgêneras, que controlam o desenvolvimento dos corpos e excluem aqueles que divergem a lógica compulsória.

Assim, para além do campo da Gerontologia, adotamos aqui uma visão mais socio-cultural⁵ sobre a velhice, a partir da noção de idade social. Essa compreende que as “Condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais produzem diferentes

representações sociais da velhice e também do idoso” (p.585)², na qual o tempo cronológico é insuficiente para ‘classificar’ os sujeitos da velhice. Isso produz um rebatimento direto em ações assistências e nas políticas públicas, que devido aos seus modos rígidos de compreender as experiências humanas, excluem parcelas significativas da sociedade.

A idade social corresponde, assim, aos comportamentos atribuídos aos papéis etários que a sociedade determina para os seus membros. Ela é composta por atributos que caracterizam as pessoas e que variam de acordo com a cultura, o gênero, a classe social, o transcorrer das gerações e das condições de vida e de trabalho, sendo que as desigualdades destas condições levam a desigualdades no processo de envelhecer. A cultura tem um importante papel nesse aspecto, pois define como uma sociedade vê os idosos e o processo de envelhecimento (p.590)².

A velhice é uma representação da cultura, que condiciona o sujeito a determinados modos de vida. Estes podem ser negativos e/ou positivos. Como aponta João W. Neri, no documentário *LGBT+60: Corpos que Resistem*⁶: “*Aliás, ninguém está velho, quem diz que você está velho é outro, sempre. O outro é que te diz tudo sobre a sua própria autoimagem*”.

Na sociedade Pós-Revolução Industrial a pessoa idosa está diretamente relacionada aquela que se aposenta, após anos de trabalho e contribuição previdenciária. Durante esta velhice, determinadas ocupações são também socialmente atreladas, como dança (baile), bingo, bordado, jogos de cartas e contar histórias. Em torno da representação da pessoa velha atribui-se ainda a ideia de ‘sabedoria’ pelo tempo vivido e a ‘autorização’ em poder fazer e dizer aquilo que se entende. No entanto, retomando as reflexões de João W. Neri⁶: “*tem muita gente velha que emburrece*”.

Assim, considerando a complexidade dos diversos fatores atrelados à representação e compreensão da velhice, a idade é um dado insuficiente. As medidas demográficas precisam levar em conta uma perspectiva transdisciplinar⁵, considerando o tempo socio-cultural e as representações atribuídas ao modo como as pessoas funcionam em seus ambientes. Desta maneira, para as velhices dissidentes de gêneros e sexualidades se faz necessário situar as vivências marcadas pelas representações dos modos de vida específicos e divergentes da população hegemônica heterocisnormativa, e que ao mesmo tempo compulsoriamente às impõe em determinadas trajetórias de exclusão, violência e abjeção.

Com isso, queremos dizer que as pessoas velhas dissidentes de gêneros e sexualidades sempre existiram obviamente, mas enquanto sujeitos visíveis e assegurados por direitos sociais é um fato recente em nossa história. Pois, a produção e/ou desvelamento de novos sujeitos é modelada conforme os interesses político-sociais, que aceitam ou não as suas existências⁷.

No entanto, acreditamos, assim como muitas, que a dissidência de gênero e sexualidade não se resume em 'divergir' somente das expressões de gênero e sexualidade impostas pelo patriarcado machista^{1,8}, e sim de toda a estrutura civilizatória embutida no jogo de poderes do tecido social que compõe com o capitalismo neoliberal desigual, o racismo, o capacitismo, e todas as demais fobias que violentam as identidades minoritárias. Assim, dizemos que interessa divergir em nossas performances, e, portanto, de nossos engajamentos ocupacionais coletivos, pois são eles que nos formam enquanto sujeitos embutidos de expressões de gênero e sexualidade, capazes de transformar as relações sociais.

3 Uma leitura sobre as velhice dissidentes de gêneros e sexualidades através das ocupações coletivas

"(...) o gênero não é expressão do que alguém é mas, sim, expressão do que alguém faz" (Butler, 2003, apud Antunes⁹, p.320).

As performances ou as maneiras de realizar a vida quando se é velhe são determinadas, sobre muitos outros fatores, pelas expressões de gênero e sexualidade, que formam para além das nossas identidades, modos de vida culturais e de sociabilidade que divergem da norma compulsória heterocisgênera¹⁰. Ser velhe dissidente de gênero e sexualidade agencia cotidianamente uma série de estigmas tratados muitas vezes como experiências dissociadas ou academicamente abstratas. Por conta disso, temos pouca compreensão sobre os modos de vida de pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades, mesmo com o avanço recente de pesquisas, visibilidade e reconhecimento de movimentos sociais, em especial na América Latina. Desta forma, conhecer tais modos de vida possibilita assimilar outras existências para fomentar a alteridade e a solidariedade em um mundo cada vez mais reificante e homogeneizador das experiências, assim como para criar mecanismos, como políticas públicas específicas para ampliar as liberdades destas pessoas.

Provavelmente as próximas gerações, em breve espaço de tempo em 10 ou 15 anos, não saberão mais o que é 'não ser livre por ser LGBTQI+'. Obviamente que na sociedade atual da cibercultura os modos de vida cultural e novas sociabilidades ganharam destaque nas mídias sociais e, portanto, maior visibilidade, oportunizando novos 'modelos' de representação. Porém, tal discurso e representações parecem ignorar marcadores sociais relevantes para afirmar que esta 'revolução' é ainda parcial.

As diferenças sócio-espaciais vivenciadas em todo o mundo, mesmo em países industrializados, denominados 'desenvolvidos', ainda sinalizam a iniquidade de apropriação dos avanços democráticos, como por exemplo as tecnologias de informação e os direitos humanos. Há nações, por exemplo em Uganda, no continente Africano, em que rege cons-

titucionalmente a pena de morte para homossexuais¹¹. Já em muitas outras nações, onde a liberação sexual já é experimentada desde fins dos anos 1960, e de gênero mais recentemente nos anos 2000, estas ainda não superaram o aumento nos índices de morte de pessoas travestis e transexuais, o desemprego ou subemprego, a baixa escolarização, a mortalidade evitável e a baixa expectativa de vida destas pessoas. Em um mundo cada vez mais globalizado e com tratados internacionais, na qual mais da metade das nações do mundo são signatárias, *por que tamanha vulnerabilidade vivenciada ainda pela população dissidente de gêneros e sexualidades?*

A ausência de informações sobre os modos de vida da população dissidente de gêneros e sexualidades colabora, tomando emprestado de Ermínia Maricato a expressão 'analfabetismo' no contexto das políticas urbanas¹², para um '*analfabetismo dissidente da heterocisnormatividade*'. Isso quer dizer, ausência de conhecimento, por meio da produção de dados, sobre a realidade das pessoas de cada segmento LGBTQI+ e o seu uso para tomada de decisões micro e macrosociais. Como diz o raciocínio de Ávila¹³ devemos pensar global e agir localmente.

O '*analfabetismo dissidente da heterocisnormatividade*' reforça o estabelecimento das lógicas universais como o 'velho', ou a 'pessoa idosa', ou 'população idosa', assim como a homogeneização das diferenças incutidas na sigla LGBTQI+. Há que tomarmos cuidado com a neutralização ou a condensação da complexidade dos modos de vida de determinados grupos sociais, assim como da própria existência humana individual, em conceitos e terminologias que induzem à uma determinada leitura, que por ser 'determinada' previamente reduz toda a sua potência e amplitude do vir a ser, moldando os sujeitos em visões únicas e estereotipadas. Trata-se do que argumenta Henning⁷ do não debate crítico e profundo sobre o uso de categorias nomeadoras da experiência humana, ou o fenômeno do encaixotamento da existência. Assim, como visto na literatura, 'velho' ou 'idoso' é usado para denominar um sujeito universal, que é no fundo o idoso homem cisgênero, heterossexual, de classe média e branco. O típico 'sujeito social' de representação anglo-saxã que infesta a produção de conhecimento em todo o mundo.

No entanto, o 'encaixotamento da existência' é uma construção ambígua, pois, ao mesmo tempo em que se enquadra um determinado modo de vida e uma experiência performativa dando-lhe um nome, desvelando, ou produzindo, um 'novo sujeito social'. E para todos os nomes criados, inscritos na linguagem, há também uma gramática de vida previamente determinada, ou seja, uma trajetória em que os 'novos sujeitos' irão enfrentar.

Neste sentido, preocupamo-nos com o quê e de que maneira nossas intencionalidades coletivas produzem estratégias e dispositivos de mudança estética destas trajetórias de vida. Isso compreende a produção e comunicação de novas gramáticas e novas semânticas para a linguagem sensorial dos gêneros e das sexualidades. Divergir da norma compulsória heterocisgênera, cristã, colonial europeia e racista, é afirmar que os nossos mo-

dos de existência importam sim em um mundo humano compartilhado. Porque, ora, não somos outra coisa que não seres humanos! Neste contexto, as ocupações são as manifestações da vida humana que permitem, entre muitas outras, compreender as vivências performativas de dissidentes de gênero e sexualidade.

Em tela, as ocupações são tudo aquilo que nos engajamos para fazer em nosso dia a dia. Estas incluem o cuidado de si (autocuidado), o brincar, o lazer, o estudo, o trabalho, o descanso e sono, o sexo e a sexualidade, e a participação social e comunitária. As ocupações são importantes, pois são nelas e por meio delas que participamos da vida humana¹⁴. Não há outra maneira de estar na vida se não pelo engajamento em ocupações. Quando as nossas ocupações são interrompidas ou vulnerabilizadas desequilibra-se a relação com o tempo e o espaço em que vivemos, perdemos o senso de competência e de controle sobre a nossa própria vida¹⁵. Desta maneira, as ocupações são estruturantes da nossa existência como seres humanos, nos permitindo dimensionar quem somos, como nos relacionamos e como projetamos o futuro.

As ocupações produzem e expressam significados, que são frutos de uma determinada cultura, em um determinado tempo em que vivemos, e, portanto, dependem de uma ordem sociocultural. Também, as ocupações possuem sentidos pessoais, ou seja, são assimiladas e experimentadas individualmente. Desta forma, o individual e o coletivo, são dimensões indissociadas das ocupações, pois todo sujeito individual é um sujeito social, portanto, se os sujeitos sociais existem pelo engajamento e da significação de suas ocupações, toda ocupação é um fenômeno humano-social¹⁶.

Neste sentido, as ocupações cumprem uma função social de produzir uma estrutura de participação na vida humana, que pode, a depender da inter-relação entre os contextos de vida e as características dos sujeitos, produzir uma dada coesão social ou a sua disjunção¹⁷.

O poder do envolvimento ocupacional coletivo atua na construção de redes de convivência e sociabilidade, enquanto dimensões protetivas e de sustentação para a realização da vida, evitando ou retardando as disjunções sociais^{17,18}. Do mesmo modo, entende-se que quando o equilíbrio e as dinâmicas ocupacionais são rompidos, ou bruscamente alterados, o sofrimento, adoecimentos, vulnerabilidades sociais e incapacidades são geradas¹⁹. Isso, diminui a participação social na vida humana e nos retira o senso de comunidade^{20,21}.

Assim, as ocupações coletivas são, para além daquilo que as pessoas fazem, a intencionalidade do agir coletivamente²². *E por que agimos em coletivo?* Agimos porque, em algumas situações, queremos fazer parte da vida humana. Queremos fazer parte de um determinado grupo ou comunidade que dialogue com as nossas crenças, com as nossas ideias e com as nossas performances de vida. Buscamos, em alguma medida, a quem nos possa refletir, e no reflexo não há somente o senso de igualdade, mas também as discriminações das diferenças, e que nos possibilitam ampliar as formas de existência e reco-

nhecimento das alteridades.

O conceito de ocupação coletiva, surge dos estudos da Ciência Ocupacional na África do Sul, pelos terapeutas ocupacionais Elelwani Ramugondo e Frank Kronenberg²², apoiado na expressão social 'Ubuntu' que significa 'eu sou porque nós somos'.

Na continuidade deste trabalho, nós propomos a seguinte definição de ocupações coletivas: Ocupações em que indivíduos, grupos, comunidades e/ou sociedades se engajam no contexto cotidiano; estes podem refletir uma intenção de coesão ou disfunção social e/ou avanço ou aversão a um bem comum (tradução nossa. p.10)²².

Assim, para a autora e o autor, o conceito compreende processos interativos de intencionalidade comum que promove o engajamento ocupacional coletivo. A perspectiva crítica apresentada está situada nas tradições africanas do 'Ubuntu' e nas vivências do *Apartheid*, que desvelam as ambiguidades entre o ser e o fazer, e entre as relações opressivas e libertadoras, marcadas pelas questões raciais, que se expandiram para outros modos de opressão e privação. Neste sentido, quando há rupturas, desequilíbrios ou vulnerabilidades de nossas ocupações, em especial das intencionalidades coletivas, esta experiência nos aproxima de uma perda dos significados de participação da vida humana¹⁸. Por isso, as injustiças, as privações, como a ausência de renda, a invisibilidade e a rejeição de nossos modos de vida dissidentes de gêneros e sexualidades, como experimentados e performados por velhos no agenciamento de suas ocupações cotidianas, tendem a nos desumanizar^{23,24}.

No caso brasileiro, o país que mais mata LGBTQI+ do mundo, escreve-se uma gramática ocupacional, no sentido de que o aumento da taxa de mortalidade e a conseqüente diminuição da expectativa de vida determinará o engajamento ocupacional destas pessoas. Logo, a extensão de suas liberdades será reduzida em longevidade, qualidade de vida, escolarização, trabalho e produção de renda, entre outros, que são, substancialmente, formas ocupacionais para realizar a vida. Assim, na compreensão de Sen²⁵, a antecipação da morte, como um acontecimento evitável, reduz e priva as liberdades.

"Em função de ter feito uma 'cirurgia criminosa', em 1977, durante a ditadura militar, que era considerada mutilação do humano, crime, e depois para mudar meu nome, eu não podia entrar na justiça, porque também era crime. Por minha conta eu tirei um novo nome e com o nome masculino eu perdi todo o meu currículo. E aí eu fui ser chofer de taxi, fui ser pintor de parede, de quadro, fui ser pedreiro, construí quatro casas. Fui... ai, nem sei, eu fui tanta coisa. Foi bom, porque de certa forma eu me multipliquei. No final de tudo, eu estou desempregado e sem aposentadoria. Essa que é a realidade" (João W. Neri)⁶.

Uma pessoa dissidente de hoje pode ter vivido a sua juventude da forma 'mais livre' ou 'mais repressiva' conforme os valores e oportunidades percebidos e introjetados em sua época. A percepção é uma habilidade cognitiva determinante na capacidade de escolha e na identificação e agenciamento das oportunidades do contexto social²⁶⁻²⁸. No entanto, com as (o)pressões da cultura 'jovial' a insatisfação com o corpo, as perdas funcionais, a religiosidade, o sistema político sexista e misógino, entre outras, passam a influenciar a compreensão de si mesmo^{9,29}, oferecendo respostas aos papéis sociais esperados e determinando as oportunidades que funcionam mais como barreiras para as possibilidades de escolha, condicionando, na maioria das vezes o viver 'trancado no armário' ou a homofobia internalizada⁹. Assim, a percepção e o agenciamento das oportunidades são marcadores importantes do envolvimento ocupacional.

Por exemplo, a pressão da estética do corpo jovial no mundo gay é um passaporte para os tipos de 'baladas' que irá frequentar, os relacionamentos que irá agenciar, assim como todos os apetrechos embutidos nesta performance como o estilo musical das divas da Pop Music. Estes elementos produzem cenários localizados de uma cultura compartilhada³⁰. Assim, há as cenas cotidianas, por exemplo, das 'bixas velhas ou das mariconas', dos 'ursos' e das 'barbies', das 'sapatões caminhoneiras', das 'travas', entre outras, cada qual recebendo status específicos de acordo ao seu prestígio social³¹. Como expressão do social, os próprios agrupamentos LGBTQI+ reproduzem os mecanismos de sociabilidade e homogeneização estirpados pelo sistema capitalista heterocisgênero normativo⁹. Quando um velho gay se encontra, majoritariamente, ciente das mudanças e que não viverá um 'eterno Peter Pan' agencia mudanças ocupacionais, como por exemplo a intensificação de hábitos domésticos, a seletividade nos laços de amizade, o afastamento da família e a construção de arranjos familiares por escolha, entre outros.

Há para além da experiência gay, que a princípio é provavelmente a mais difundida, outras experiências dissidentes que implicam absolutos analfabetismos, como por exemplo: como lidar com a hormonização de mulheres velhas transgêneras? E quando estas mulheres, que vivenciaram grande parte de suas vidas em trabalho de prostituição, vivendo em pensões em quartos coletivos, e que agora, na maioria das vezes não lhe é permitido o trabalho com o seu corpo velho, o que fazer com essas existências? Há como demonstrado no site da ONG SAGE – *Advocacy & Services for LGBT Elders*³², dos EUA, que a grande problemática, em especial de pessoas transgêneras velhas é a habitação. Essas pessoas, em sua maioria, não têm onde morar, não tiveram a oportunidade de se preparar e assegurar uma renda para a velhice, demoram a conseguir aposentadoria, e quando conseguem, por idade condicionada, sofrem com a humilhação de não terem seus documentos adequados a identidade de gênero. Ou, quando em situações de abrigo são alocadas em quartos que seguem modelos binários da sexualidade, as violentando novamente quando não consideram o acolhimento do espaço social de acordo as suas identidades de gênero. Estas violências são estruturais heterocisnormativas e fazem com que as pessoas velhas dissidentes de gêneros e sexualidades abandonem forçosamente as ocupa-

ções que performavam, sendo para muitos um 'retorno ao armário'.

No estudo de Crenitte, Miguel e Jacob Filho³¹ discute-se que não há necessariamente uma ação técnica que seja específica à pessoas gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneras e interssexos, como se a demandas ("problemas") fossem o gênero e a sexualidade em si. O que há é uma ação situada que deve ser problematizada. Pois, as pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades vivenciam necessidades de saúde, social, educação entre outros, como a maioria da população, porém em contextos bastante distintos das pessoas heterocisgêneras, como a restrição das redes de serviços assistenciais, o preconceito negativo, a negação de profissionais pelo modo de vida das mesmas, entre outros que condicionam o surgimento de determinadas problemáticas, como lhe dão curso e manutenção. Por exemplo, a privação de oportunidades sociais como o estudo e o trabalho para pessoas LGBTQI+, e a ausência de políticas públicas de cidadania, aumentam a incidência para determinadas doenças e incapacidades, assim como para a baixa expectativa de vida, aumento da mortalidade e trajetórias restritas de vida. Segundo os autores, por exemplo, profissionais da Medicina recomendam para uma pessoa velha heterocisgênera, com ou mais de 65 anos de idade, o exame anual de densitometria óssea para prevenir casos de osteoporose. No entanto, para pessoas trans que fazem Terapia de Reposição Hormonal (TRH) os índices para a doença aumentam significativamente em fases precoces da vida. Assim, seria adequado que profissionais de saúde orientassem, com uma linguagem acessível e adequada as expressões de gênero, ao exame precoce, assim como a prática de exercícios físicos e, em alguns casos, à reabilitação preventiva. A ação técnica é igual para o tratamento de heterocisgêneros, mas, no entanto, considera uma ação situada nos modos de vida específicos de dissidentes de gêneros e sexualidades.

Encarar o envelhecimento como um processo natural do desenvolvimento humano pode ser um equívoco e também violento. O envelhecer é diferente a depender de quem se é, onde se vive e como é significado pela sociedade. Se experimentar a velhice é algo conflituoso para muitos/as heterocisgêneros/as, é duplamente para velhos dissidentes de gêneros e sexualidades.

O analfabetismo sobre dissidentes da heterocisnormatividade, sobretudo de velhos, também não nos permite compreender as reais desigualdades experimentadas na velhice quando comparadas as heterossexuais cisgêneras. E com isso identificar e melhor intervir em suas necessidades situadas. Alguma coisa se avançou nas formas de assistência as demandas específicas da população dissidente, no entanto ainda carece muito a ampliação qualificada dos serviços, em especial os de educação, saúde e assistência social.

Com isso, em especial atenção à população idosa dissidente de gêneros e sexualidades¹, mesmo com a ausência de dados oficiais, centramos esforços para afirmar que, junto a muitos outros grupos sociais vulnerados, esta população sofre duplamente com a vivência articulada dos estigmas da própria velhice e a dos estigmas sociais relativos aos

modos de vida dissidentes da heterocisnormatividade, que os aproximam ou os retiram, portanto, da vida humana compartilhada. Este duplo sofrimento compreende uma experiência dos estigmas frutos dos interesses político-sociais estruturados em valores heterossexuais, cisgêneros, cristãos, coloniais e racistas, que foram traçados, e ainda são, ao longo da história humana, e que estrategicamente precisam 'eliminar' determinadas populações ou torna-las 'inválidas necessárias'³³. Deste modo, a fim de fomentar a engrenagem capitalista desigual, os corpos velhos se tornam ineficientes, e estes ainda quando 'dissidentes' sujam a moral civilizatória do sistema. Este processo violento abjeta à vida humana, tornando os sujeitos dissidentes invisíveis e ao mesmo tempo necessários para o mundo como tal – sujeitos de manobra do sistema político-econômico. Assim, a população velha dissidente de gênero e sexualidade vive uma experiência de 'apagamento social', no sentido de exclusão e não participação no mundo humano.

A exclusão é compreendida por nós, de acordo com a perspectiva de Sen^{25,34}, como 'privação das liberdades'. Para o autor, a liberdade é uma experiência de termos capacidades para realizar a própria vida, de acordo as nossas necessidades e desejos, que julgamos justas dentro da nossa comunidade. A liberdade pode ser 'medida' através da extensão de nossas escolhas instrumentais (meios concretos) ou substanciais (fundamentais) em nosso dia a dia, que implicam na capacidade individual de realizar a vida e nas intencionalidades e desfechos coletivos. É o que chamaria Paulo Freire de 'emancipação'. Isso não quer dizer que a população velha dissidente de gênero e sexualidade não participe do mundo humano, ela participa de seus grupos homogêneos de identificação – de suas tribos, mas com limitadas possibilidades de escolha, e, portanto, limitada à realização da vida conforme aquilo que julga como justa. Ainda, os modos de vida, tanto dentro da 'comunidade LGBTQI+' como externamente a ela, são significados como 'desviantes', no sentido negativo dos processos civilizatórios heterocisnormativos, e que, portanto, precisam ser eliminados.

Nossas experiências não residem somente no plano do pensamento e/ou dos sentimentos, e sim na realização destes na vida. O tempo todo colocamos em ação aquilo que sentimos, aquilo que pensamos e que desejamos, consciente ou inconscientemente. Logo, as nossas ocupações permitem concretizar, em um mundo compartilhado, quem somos e quem queremos ser. No entanto, entre o que somos e o que queremos ser há um distanciamento muito grande, pois precisamos agenciar oportunidades, meios, para conseguir realizar a vida – perceber e tomar consciência, decidir e operar sobre ela como agentes ativos. Diferentemente da ideia de autonomia e independência, os seres humanos agenciam o tempo todo intencionalidades coletivas, no sentido de alcançarem a emancipação e as interdependências. Isso quer dizer, respectivamente, ser capaz de tomar decisões a partir dos valores de um coletivo, de uma comunidade, e que impliquem ações em rede, entre sujeitos conectados.

A ideia de autonomia e independência são noções que foram construídas a partir dos valores capitalistas econômicos, oriundos da Revolução Francesa e Industrial, na qual

se estabeleceu que determinados atributos são de ordem individual³³. Pois, o modelo proposto de capital é individualizante e competitivo. Por tanto, ser autônomo compreende tomar decisões por si mesmo, e independência é ser capaz de fazer algo sozinho. Mas, será que realmente *somos capazes de tomar decisões sem que avaliemos o contexto em que estamos inseridos, sem nos constrangermos com os valores e sistemas da realidade? E será mesmo que podemos e conseguimos fazer aquilo que queremos 'sozinhos', sem que isso implique os fazeres e apoios de outros sujeitos?*

Bem, acreditamos que não! Por isso, tendemos a nos orientar, pelos sentidos e conhecimentos produzidos em coletivo. E, portanto, nossas decisões implicam sobre as intencionalidades do agir dentro em situações ocupacionais específicas de velhos dissidentes de gêneros e sexualidades, inseridos em mundo humano compartilhado. Logo buscamos emancipação das decisões, e traçamos interdependências do fazer em rede, na qual todos os 'nós' são partes diferenciadas e necessárias para o funcionamento do todo. Este todo também não é algo abstrato e inatingível, e sim um valor concretizado pelos processos em rede, em que a própria formação e manutenção da rede é o valor em si, pois é ela que sustenta a participação na vida humana e que intencionalmente aciona o 'agir coletivo'.

4 A pandemia COVID -19 e as ações junto a população velha dissidente de gêneros e sexualidades: a interlocução da EternamenteSOU

Em um mundo em que se cultua a beleza, corpos estruturais e a jovialidade, pessoas velhas parecem não tem vez e nem espaço, ou destinadas à situações marginalizadas, sofrendo assim uma dupla invisibilidade por parte da sociedade - por ser dissidente e ser velha. Há também preconceitos negativos dentro da própria 'comunidade LGBTQI+', comunidade que esse velho dissidente ajudou a construir. Com isso graves consequências na velhice como o abandono, isolamento, depressão dentre outras problemáticas a qual estão submetidas.

Quando adentramos nas realidades humanas, motivados inicialmente pelas inquietações existenciais, mas principalmente pelas nossas próprias marcas de dissidências de gêneros e sexualidades, reconhecemos, para além dos aspectos negativos, a potência dos modos de vida de pessoas idosas dissidentes e as suas estratégias cotidianas para estabelecer redes de proteção e convivência, criadas e exploradas á muito tempo antes desta pandemia.

O 'retorno ao armário', o 'isolamento social', o 'potencialmente contagioso', o 'eterno grupo de risco', entre outros, já são estigmas incutidos nos modos de vida e socialidades das pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades, e que moldaram as representações sociais sobre os seus corpos e suas performances. E diferentemente do que se pode 'achar', estas experiências violentas de abjeção não produziram necessariamente

uma 'resiliência' ou 'empoderamento' nestas pessoas, ao contrário, produziram uma dinâmica, ou dispositivos de atenção, frente as constantes iniciativas de apagamento de suas existências, quando não, o 'retorno ao armário' ou a eliminação da própria vida. Estes dispositivos de atenção possuem, sob nossa perspectiva, grande e profunda carga de sofrimento, de não pertencimento e de rejeição social.

Não se pode supor que, seja jovem ou 'velhe', as experiências de estigmatização nos tornará mais fortes, pois isso minimiza o nosso sofrimento e impede que ações sejam feitas para enfrentar as violências e os sofrimentos produzidos. Compreendemos, que as pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades, sobretudo as velhas, carregam consigo tais estigmas e as acionam através de suas memórias para assegurar um mínimo de existência e participar, mesmo que marginalmente, do mundo humano. Desta forma, nos interessa, aqui e quem sabe em outros estudos, o desvelamento e encantamento das trajetórias ocupacionais de velhes dissidentes de gêneros e sexualidades.

Garantir uma rede diversa é a possibilidade de manter um tecido social coeso. Isso quer dizer, garantir uma estrutura de vida com oportunidades, na qual as pessoas poderão realizar as suas vidas com liberdade. Para se ter liberdade as pessoas tomarão decisões avaliando o contexto social coletivo e agenciarão as suas redes de apoio. Quanto mais diversa for a sua rede, maior será a coesão, pois maior será a possibilidade de agenciar proteções e oportunidades.

As redes sociais quando egocentradas, ou seja, fechadas em si mesmo e homogêneas, se tornam demasiada dependentes, e isso evita fugas, ou pontes, para o 'novo', para outras oportunidades de compreender a realidade e agencia-la³⁵. As redes egocentradas produzem a privação da vida, com o mínimo de sua potência. É o que acontece nos denominados 'guetos' das comunidades LGBTQI+.

O uso do termo 'comunidade' para se referir as pessoas auto-identificadas como pertencentes à alguma das letrinhas LGBTQI+ pode ser um tanto problemático, pois novamente corre-se o risco de 'universalizar' e homogeneizar as diferenças⁷. O termo comunidade é tão amplo e polissêmico que muitas vezes é tratado com tons românticos, associando os sujeitos a um agrupamento hipotético, feliz e abstrato, ou de afirmativas de que todas as pessoas se sentem de fato pertencidas. E isso não é verdade. As vezes um grupo é só uma junção de pessoas sem quaisquer vínculos de segurança e identificação, com ocorre dentro da própria expressão LGBTQI+. Desta forma, entre muitas perspectivas, que não poderão ser abordadas aqui, *comunidade é, em nossas experiências um dispositivo político de acoplamentos identitários que emerge da intencionalidade coletiva para buscar visibilidade e participação no mundo humano compartilhado*. Assim, quando nos referimos à comunidade LGBTQI+ ou comunidade dissidente de gênero e sexualidade, compreendemos a expressão de uma parcela significativa da população que diverge esteticamente da heterocisnormatividade civilizatória. Assim, a coesão depende deste senso de comunidade, seja ela construída por vínculos longitudinais no tempo, identitário, por afeto, por acoplamento político, ou de todos estes reunidos.

Neste contexto, a situação de crise como a vivenciada atualmente em todas as nações do mundo pela pandemia do novo Coronavírus (Sars-COV-2), que designa o agente etiológico da síndrome gripal COVID-19, estabeleceu um novo arranjo dos modos de vida, e, portanto, do envolvimento em ocupações. No entanto, esta pandemia é lida como crise, pois além de impactar os ativos de saúde pública e econômicos, coloca em evidência a fragilidade do Estado enquanto mecanismo de proteção social.

Para muitas pessoas que estão em isolamento social, enquanto medida sanitária, necessária e obrigatória para conter o avanço da transmissão do vírus, vem sendo publicizada, em especial pela intensificação das mídias sociais, o sofrimento com a mudança de rotinas, a restrição do ambiente físico, a impossibilidade de mobilidade urbana, de desfrutar o lazer e atividades físicas. No entanto, é importante chamar à atenção, sem qualquer intenção de minimizá-las, que esta repercussão consiste em um sofrimento intensificado da classe média e alta, que as vezes se esquece do privilégio que tem em desfrutar mudanças ocupacionais e de rotina em um ambiente seguro e estruturado economicamente. Porém, para quase metade da população, no caso brasileiro, mas também do mundo, que se encontra na pobreza e na miséria, a oportunidade de expressar o seu sofrimento e pre-ocupação com as mudanças da rotina não são permitidas.

Os casos noticiados de que nas periferias as medidas de isolamento não estão sendo respeitadas, não significa somente, como propagados pela mídia de intelectuais da epidemiologia e saúde pública, como 'dificuldades de compreensão devido o baixo capital intelectual' dos pobres, ou seja falta de estudo para compreender algo, mas sim, um comportamento que expressa a relação histórica com o Estado, em especial com os governos, que sempre demonstraram inseguranças e instabilidades com a proteção da vida dos pobres. O vendedor ambulante que vai para a rua vender a sua mercadoria, não é que ele quer se expor ao vírus ou desacredite de sua transmissão e efeito (ainda que existam aqueles/as que desacreditam!), mas há uma necessidade emergente em resolver a vida de alguma maneira, dentro da instabilidade social que lhe é imposta pelo Estado – 'comer ou se proteger do vírus?' – ou como Ramugondo e Kronenberg argumentam: 'privações ou liberdades?'. Diferentemente do que propõe Amartya Sen, esta dúvida dicotômica em hipótese alguma compreende uma extensão das liberdades, enquanto possibilidades de escolha, e sim uma estrutura forçosa que o Estado lhe oferece, mantendo condições de vida injustas e sem possibilidades de realização²⁸.

Deste modo, para velhos dissidentes de gêneros e sexualidades a crise pandêmica e social da COVID-19 soma-se aos mecanismos que tendem constantemente às disjunções de suas redes sociais, por menor que elas sejam, em especial aqueles que convivem na pobreza e na miséria, o que já compreende uma grande parcela da população.

Há relatos próximos ao nosso grupo, por exemplo, que em favelas aqui do Rio de Janeiro traficantes e milícias anunciam que irão matar quem estiver infectado com o Coronavírus. Além da já infeliz história de que LGBTQI+ são mortos violentamente por trafi-

cantes, porque o tráfico e a milícia são produtos do patriarcado machista e misógino, há conjuntamente o medo de estar doente ou mesmo de se 'imaginar' doente. Assim, a pessoa velha dissidente além de estar vulnerabilizada por ser velha e, portanto, parte de um 'grupo de risco' da infecção e agravos da doença, precisa ainda intensificar o seu isolamento, controlar seus comportamentos caso esteja com sinais e sintomas, evitar buscar ajuda em saúde e social, assim como deixar de contar com a rede de apoio de vizinhos e amigos.

Com isso, o momento atual trás a emergência para se pensar em necessidades locais e pontuais sobre os processos que vulnerabilizam velhos dissidentes de gêneros e sexualidades, e considerar que se não houver intervenções estratégicas acarretará, longitudinalmente, como já ocorre em outras situações, consequências ainda mais graves e abjetas.

É sabido que mais de 70% das mortes por COVID-19, no mundo, são de pessoas idosas, considerando os casos acima dos 50 anos de idade, com ou sem comorbidades. Ainda que, até o período de escrita deste artigo, não seja ainda a realidade brasileira, pois as taxas indicam maior porcentagem de adultos, ainda assim, isso quer dizer que se trata do segmento social mais vulnerável. Considerando que a população velha no Brasil representa 18,56% (39.007.220 milhões de habitantes)³⁶, de sua população total, de acordo com os argumentos de Macedo, Ornellas e Bomfim³⁷, trata-se de uma leitura objetiva para se pensar em ações tácitas de proteção social em políticas públicas sanitárias, econômicas e sociais deste segmento. No entanto, para os autores, há nesta estatística um agravamento que compreende as vulnerabilidades vivenciadas por populações subalternizadas, na qual o vírus ameaça com maior amplitude.

Em documento do Grupo Temático 'Envelhecimento e Saúde Coletiva' da Associação Brasileira de Saúde Coletiva - ABRASCO³⁸, as desigualdades econômico sociais que assolam a maioria da população velha, irá, para além das questões biológicas, como as de saúde, produzir um genocídio durante a pandemia de COVID-19 se ações de Estado não considerarem a situação específica desta população.

Segundo reportagens na mídia, velhos LGBTQI+, na cidade de Nova Iorque, EUA, estão sendo encontrados mortos em asilos ou sozinhos em casa, passando dias ou semanas sem que qualquer pessoa encontre os seus corpos. Nos processos de notificação da doença, seja do diagnóstico ou já no atestado de óbito, informações sobre gênero e sexualidade são suprimidas o que dificulta compreender as camadas da vulnerabilidade, assim como deixa um grande abismo sobre o comportamento real da transmissão viral e do curso produtivo da doença.

O isolamento social é forçosamente um modo de vida que é presente já as trajetórias de velhos dissidentes de gêneros e sexualidades. Assim, sem a intenção de propor fórmulas prontas compartilhamos algumas ações, sustentadas em um trabalho coletivo e com alcance longitudinal e transversal no sentido de compreender as experiências e as

demandas desta população, que conformam, de alguma maneira, uma rede de proteção, convivência e que tencionam a mudança e a produção de políticas públicas, assim como a estética da própria vida. O desafio, no entanto, é como transcender essa rede para além dos pares, ou seja, daqueles que mutuamente se conectam porque se identificam em suas performances ocupacionais. Defendemos e atuamos em uma rede que, além de intergeracional, seja em sua natureza social e absolutamente diversa.

Assim, discorreremos agora sobre a ONG EternamenteSOU e as ações que são desenvolvidas durante a pandemia COVID-19 e seus alcances longitudinais para o cotidiano de pessoas velhas dissidentes de gêneros e sexualidades.

Rogério Pedro no auge de seus 13 para 14 anos de idade, foi criado em um ambiente familiar evangélico. Ao longo de suas experiências se deparou com conflitos relacionados a sua sexualidade homossexual, o que o fez buscar informações e produzir conhecimentos sobre si, possibilitando a compreensão sobre os seus sentimentos, os modos de significação histórico-social da construção do movimento LGBTQI+ e a produção dos espaços de sociabilidade desta população. Com isso, deparou-se com as problemáticas vivenciadas pelas pessoas velhas dissidentes de gêneros e sexualidades, o que o levou, em março de 2017, a começar um trabalho, ainda sozinho, de atenção às pessoas velhas LGBTQI+. Aos poucos o trabalho foi ganhando corpo e um grupo de voluntários se somaram ampliando as ações.

Neste contexto, surgiu a EternamenteSOU³⁹, um centro de referência e convivência para pessoas LGBT's 50+ na cidade de São Paulo. Trata-se de uma ONG que luta diariamente em prol de um envelhecimento ativo, digno e acolhedor para as minorias dissidentes de gêneros e sexualidades. A ONG atua na garantia dos direitos humanos e sociais e desenvolve e promove ações de valorização dos saberes e das memórias adquiridas com o passar dos anos. A EternamenteSOU é a quinta organização no mundo e a primeira no Brasil a lidar com as questões das velhices dissidentes de gêneros e sexualidades.

O uso da expressão LGBT 50+, adotada pela ONG, é decorrente da leitura necessária sobre a idade social e a visão transdisciplinar sobre a velhice dissidente de gêneros e sexualidades, que não se ajusta aos modelos métricos que levam em conta a idade cronológica e/ou biológica para inferir a longevidade, qualidade de vida, entre outros, como já discutido. Assim, propomos uma velhice 'antecipada' da coorte estabelecida, considerando a situacionalidade desta população, sobretudo marcada pela dupla estigmatização. Desta forma, a população velha atendida pela EternamenteSOU compreende pessoas com e acima de 50 anos de idade.

A EternamenteSOU recentemente adquiriu um espaço físico no centro da cidade de São Paulo, no bairro da República. Trata-se de uma região estratégica para a organização das atividades, sobretudo políticas. Pois é onde, historicamente, se encontra uma grande quantidade de pessoas dissidentes de gêneros e sexualidade que vivenciam diversas reali-

dades ocupacionais. Além de ser um local de fácil acesso, em relação a mobilidade de transportes, para aqueles/as que moram em outros bairros da cidade.

Atualmente a EternamenteSOU de São Paulo acompanha aproximadamente 400 velhas dissidentes de gênero e sexualidade. Em sua maioria são pessoas idosas que se encontram em situação de abrigo institucional, como em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), população em situação de rua, de cortiços e de classe média³⁹.

Por meio de uma equipe de voluntárias tem-se alcançado com êxito a missão de proporcionar visibilidade à população velha dissidente por meio de ações e atividades de acordo aos pilares da ONG:

Social: estar próximo dessas velhas, ouvir e compreender suas necessidades e por meio delas criar propostas de atividades e eventos em que eles possam ser simplesmente eles mesmo como bailes, festas de aniversário, passeios turístico, ida em grupo ao cinema, teatro, rodas de conversas, apoio jurídico, psicológico, terapêutico-ocupacional, social, necessidade básicas - distribuição de cestas de alimentos e higiene e etc., orientações gerais.

Educacional: acreditamos que a educação e reeducação da sociedade fará com que as pessoas enxerguem as diferentes faces da velhice como algo esperado e socialmente construído, e que todas as pessoas passarão por ela, a menos que morram antes. Pensando nisso nossa equipe técnica criou uma série de cursos - Papo diversIDADE, introdução a Velhices LGBTQs, Seminário velhices LGBTQs, palestras e etc. Os cursos têm como objetivo levar informações técnicas para profissionais e espaços que lidam de forma direta ou indiretamente com pessoas idosas possibilitando a esses profissionais informações que promovam a mudança do comportamento estigmatizante para serem pessoas e espaços mais acolhedores à diversidade humana.

Durante esse período de isolamento social, tivemos que adaptar nossas atividades aproveitando as ferramentas acessíveis a todas e atentos as necessidades da população atendida. Levamos diariamente por meio de nossas voluntárias para os lares das pessoas assistidas conteúdo diverso em três períodos diferentes de segunda a sexta-feira, como Show Cultural, plantão de apoio psicológico e jurídico além de doações de alimentos a serem destinados a eles/as.

Já na cidade do Rio de Janeiro, as ações se iniciaram recentemente, em março de 2020, ainda com uma proposta de conectar pessoas voluntárias e mapear a população velha dissidente que vive no estado. Assim, a EternamenteSOU Rio de Janeiro⁴⁰, até o momento, funciona como um braço da matriz de São Paulo, sem personalidade jurídica, mas orgânica como um movimento social.

A identificação de pessoas e a conexão entre elas é um fundamento importante das ações, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, pois é o dispositivo que possibilita a

ampliação dos valores intergeracionais sobre o envelhecimento e fortalecimento da própria 'comunidade LGBTQI+'. Assim como, a possibilidade de inserir a temática em outros contextos que não somente os destinados as questões específicas da população dissidente de gêneros e sexualidades.

Desta forma, a primeira ação da Eternamente SOU Rio de Janeiro foi na Turma O.K. Um clube 'GLS' fundado na década de 1960, onde seu público em maioria são pessoas velhas que promovem eventos como concursos de 'transformistas' e shows inspirados nas grandes Balls americanas dos anos 1980⁴¹. A turma O.K foi o local conseguido para iniciar o nosso primeiro evento, que foi nomeado *Café com Memórias*, no dia 07 de março de 2020. Esta data marcou a chegada da ONG no Rio de Janeiro. O evento teve como programação uma roda de conversa sobre Velhices LGBTQs, a apresentação da ONG, um café coletivo e apresentações de 'transformistas' (*Drag Queens*) da casa para encerrar o evento.

No período que antecedeu o evento, realizamos um trabalho junto com lideranças locais para acessar instituições que tinham como pauta as questões de gênero e sexualidade, a fim de que pudéssemos identificar e conectar mais pessoas LGBTQs 50+, e também buscar através desses grupos parcerias e ferramentas que nos permitissem fazer um trabalho mais humanizado, estruturado e com dinamismo, atendendo assim compreensões e demandas situadas desta população.

Nós percebemos que a ideia de humanização é necessária para o desenvolvimento do trabalho, e a compreendemos não com o sentido de 'humanizar quem não é humano', e sim 'visibilizar, fortalecer e difundir os modos diversos dos seres humanos em suas cotidianidades'. Assim, a humanização sustenta a construção de ações promovidas diretamente a população velha dissidente de gênero e sexualidades, sobretudo aquela em maior vulnerabilidade que experimenta privações de liberdades e 'buracos' em sua rede de suporte social. Desta forma, dá-se o seu primeiro passo na identificação e conexão de pessoas, inicialmente no território da cidade do Rio de Janeiro, e a difusão, para o maior número de pessoas, da proposta, em construção coletiva, da ONG no estado fluminense.

Assim, durante o evento *Café com Memórias* o grupo de humanização articulou conversas e trocas de ideias com o público presente LGBTQs 50+. Convidamos as pessoas para participar do projeto e se gostariam de manter uma interação com as demais pessoas, e que a partir das interações e convivências, propostas de ações e projetos poderiam ser criados para atender as suas necessidades.

Porém, com a medida de isolamento social frente a COVID-19, os encontros presenciais foram suspensos, demandando maior investimento em ações a distância por meio de tecnologias de informação e mídias sociais. Mesmo reconhecendo que o acesso e uso destes meios é reservado para uma parcela da população, e a população mais vulnerável não é atingida com esta estratégia, compreendemos que o atual momento, que passageiro

será, limita a ampliação e diversificação de estratégias presenciais. Assim, utilizamos o WhatsApp® como uma ferramenta para agregar e mediar a socialização entre aproximadamente 60 pessoas. Por meio desta ferramenta virtual disponibilizamos debates sobre as vivências e trajetórias de velhos dissidentes de gênero e sexualidade, informações sobre cursos, palestras e oficinas online ofertadas pela ONG de São Paulo e de outras instituições, e informações sobre o cenário político e as medidas sanitárias frente a Covid-19. Atualmente, é uma ferramenta importante e necessária, pois nos ajuda a compreender e compartilhar as vivências cotidianas, por meio de textos, áudios e fotografias feitas no próprio celular.

Além disso, há um grupo nuclear de voluntários, formado por treze pessoas que atualmente acompanham as pessoas LGBT 50+ do grupo por meio de ligação telefônica e/ou vídeos-chamadas. O acompanhamento tem como objetivo primário, criar e manter o vínculo e conseqüentemente manter um voluntário de referência para as demandas que possam surgir. Também, compreende-se uma estratégia de rede, na qual conforme o estabelecimento dos vínculos outras pessoas vão sendo indicadas sucessivamente, ampliando as conexões interpessoais.

Em particular às ligações telefônicas e/ou vídeos-chamadas, estas vêm sendo uma importante estratégia no conforto e apoio psicossocial para velhos dissidentes que moram sozinhos e/ou com conflitos familiares, e que, porventura, experimentam a solidão e angústias. Há também casos de pessoas com demandas de saúde, como sofrimento psíquico, transtornos mentais e doenças crônicas, na qual os voluntários ajudam a encontrar soluções, dentro do âmbito do voluntariado, como acionar a rede de saúde e assistência social, buscar informações sobre um determinado medicamento, explicações sobre as medidas sanitárias da Covid-19, e, principalmente na triagem de informações compartilhadas pela internet classificadas como 'fake news'. Além disso, são feitas postagens de vídeos com orientações simples e objetivas sobre diversos assuntos, conduzidas por profissionais voluntários da área de Psicologia e Terapia Ocupacional.

Para qualificar o nosso trabalho de humanização, formou-se um grupo de voluntários para pensar e desenhar as estratégias de mapeamento desta população. Foi produzido um amplo questionário em formato *Google Form*®, com informações demográficas, de bem-estar em saúde e social, gênero e sexualidade e relações com as estruturas e políticas da cidade, entre outras. Assim, iniciamos um piloto com o grupo de convivência e processualmente ele vai sendo preenchido durante o acompanhamento telefônico. Posteriormente, os resultados deste mapeamento irão colaborar com uma primeira compreensão sobre a realidade da população, e pretende-se, com isso, expandi-lo a partir de uma revisão colaborativa, considerando a pesquisa-ação. O mapeamento pretende gerar dados sobre a velhice dissidente de gênero e sexualidade no estado do Rio de Janeiro, servir de colaboração à métodos de outras pesquisas e comparação de dados, e, principalmente fomentar ações locais e políticas públicas específicas.

Nesse curto período de trabalho que estamos realizando na cidade do Rio de Janeiro já nos deparamos com as dificuldades para acessar LGBTs 50+ negros/as, de regiões periféricas, em especial das Zona Oeste e Zona Norte, que possuem o maior número de pessoas vivendo em favelas e em condições de vulnerabilidade, e velhas da Baixada Fluminense, que são cidades da região metropolitana do Rio de Janeiro, com grandes índices de vulnerabilidade socioeconômica. Sabe-se que estes locais do estado fogem da representação estereotipada do Rio de Janeiro reduzido à região do Centro e Zona Sul. Assim, além de todas as vulnerabilidades que um velhe dissidente de gênero e sexualidade possa experimentar em suas vivências, a cidade e seus territórios é um fator, em si mesmo, determinante dos modos de participação, vulnerabilidades, entre outros. Pois, há no caso particular do Rio de Janeiro, uma cultura histórica, enraizada, do poder de determinados territórios pelas facções criminosas e milícias, que disputam o controle paralelo com o Estado omissivo, colocando a população vulnerabilizada pelo medo.

Analisando esta conjuntura específica da territorialidade fluminense o grupo de Humanização pede aos participantes que caso conheçam pessoas dessas regiões, convidá-las a participar da rede de convivência. No entanto, o perfil do próprio grupo atual, que é de pessoas brancas e de classe média, demarca um 'desconhecimento' destas experiências. Do mesmo modo, referente as questões raciais, estamos tentando contato com entidades do movimento negro para que possamos sensibilizá-los da nossa causa e fazermos parcerias, assim como sensibilizar outras pessoas que desejem se voluntariar.

Uma pesquisa da FGV Social apontou que o Rio de Janeiro é a capital e o estado do país com maior proporção de idosos^{42,43}. O envelhecimento LGBT precisa ser discutido, buscando compreender a diversidade de contextos que se entrelaçam, que são vivenciados pelas mais diferentes pessoas, de diferentes idades e culturas. Por isso, estamos desenvolvendo formas e ferramentas que nos proporcione um conhecimento mais amplo sobre esse público para que se possa desenvolver políticas para uma melhor qualidade de vida desses idosos, assegurando seus direitos e deveres. As experiências territoriais da população velha dissidente de gênero e sexualidade é um fenômeno necessário de ser aprofundado e sistematizado, sobretudo na constatação das distintas realidades entre São Paulo e Rio de Janeiro.

Desta forma, aos poucos a atuação da EternamenteSOU Rio vai delineando objetivos como o de sensibilizar e conscientizar a sociedade e órgãos públicos sobre a velhice dissidente de gênero e sexualidade, suas especificidades e vulnerabilidades sociais (preconceito, abandono, etc.) e programáticas (ausência de políticas públicas e sociais para esse grupo). A discriminação, a vitimização e o estigma internalizado por esta população são fatores significativos para problemas de saúde mental que pretendemos combater com atividades que estimulem a socialização (Ex: Café e Memórias LGBT, Seminário Velhices LGBT, Cine Clubes, entre outros) e com atendimentos psicossociais (em grupo ou individualizado).

Com uma equipe de voluntários multidisciplinares e parcerias com instituições públicas e privadas buscaremos um melhor entendimento do público LGBT 50+, levantando dados, realizando pesquisas e treinamentos que contribuam para melhorar a qualidade de vida dos idosos LGBT.

O resgate e a valorização da história do movimento LGBT no estado do Rio de Janeiro, criado e desenvolvido pelos LGBTs 50+ de hoje, também faz parte do nosso plano de ação, que ressalta a importância de reconhecer e agradecer a luta dessa geração que pavimentou grande parte do espaço para discussão sobre os direitos LGBTs em nossos territórios vivenciados hoje.

5 Considerações finais

Este ensaio abordou as velhices dissidentes de gênero e sexualidade, ou comumente identificadas como LGBTQI+, no enfrentamento das questões colocadas pelo atual momento de pandemia da Covid-19. No entanto, no transcorrer do debate, identificamos que a gramática das trajetórias de envolvimento ocupacional desta população, que ambigualmente convive com os agenciamentos do estigma do ser velho e da identidade de gênero e sexual, caminharam para além das estratégias de enfrentamento da atual pandemia. A vivência de situações de crise, como esta, coloca as fragilidades e vulnerabilidades desta população na arena política. E assim, este texto ganhou um curso mais complexo e longitudinal, histórico e culturalmente determinado, apresentando e debatendo os mecanismos de abjeção e invisibilidade que os colocam na dicotômica e injusta condição de buscar 'saídas do armário' para responder entre as privações de liberdade e as libertações das performatividades ocupacionais de gênero e sexualidade.

Assim, talvez o que estejamos fazendo como medida de proteção e cuidado frente a COVID-19 não seja tão inovador no sentido técnico e científico. No mais, denota a contínua preocupação e resistências nas formas de envolvimento ocupacional coletivo de velhices dissidentes de gênero e sexualidade. Neste sentido, deixamos uma reticências da amplitude, possibilidades e originalidade que os estudos da ocupação podem oferecer para este debate, sobretudo na América Latina.

As vezes nos bate uma sensação de que temas como este só são inseridos e/ou considerados na academia ou na política, quando agenciados pelos os próprios sujeitos dissidentes de gênero e sexualidade. Pois, a luta, o trabalho técnico-científico e o político se cruzam e se misturam indubitavelmente. Caso contrário, como a história já nos mostrou, haveria um eterno silenciamento pelos sujeitos adequados a normatividade heterocisgênera.

As 'Sapatões', as 'Bixas', o/as 'Bi', as 'Travas', as/os 'Trans', os sujeitos dissiden-

tes de gênero e sexualidade, aos poucos vão perfurando a bolha normativa, que é produzida pelos complexos sexuais e de identidade de gênero dos 'tradicionais' heterocisgêneros que dominam a política, a academia e a vida social. Enquanto isso, vamos oferecendo oportunidades de produção de novas estéticas para o mundo, compreendendo que a grande revolução deste processo é o conhecimento produzido, libertador e dispositivo de significativas mudanças sociais, para, então, o aproveitamento das belezas e desejos do mundo humano compartilhado.

Com isso, não queremos dizer que somos radicais no posicionamento de polarização e dicotomias entre 'homo *versus* héteros'. A heterocisnormatividade já estabeleceu esta lógica e queremos divergir dela. Assim, acreditamos e vivenciamos as redes relacionais de cooperação e aliança entre pessoas que em sua natureza são diversas, e se reconhecem, se aceitam e se desejam em convivência por suas diferenças.

Por fim, considerando a necessidade de difundir conhecimentos sobre realidades diversas e a chamada de atenção para aquelas abjetadas, esperamos que este artigo possa trazer reflexões, propostas de ações concretas, diálogos conosco e com a sociedade em geral. Reconhecemos as limitações de nossos pontos de vista e o exercício de adequá-los à formatação científica, proposta pela revista. No mais, como um ensaio, acreditamos que o seu objetivo foi atingido. Assim, agradecemos à oportunidade e esperamos futuros desdobramentos e contribuições para o campo técnico-político, e, principalmente, para os sujeitos da velhice dissidente de gênero e sexualidade.

Referências

1. Butler J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira; 2003.
2. Schneider RH, Irigaray TQ. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 2008;25(4):585–593. doi:10.1590/s0103-166x2008000400013
3. Neri AL. *Palavras-chave em gerontologia*. 3ª edição. Campinas: Editora Alínea; 2008.
4. Brasil. Ministério da Saúde. *Estatuto do Idoso*. 3ª edição. Brasília: Ministério da Saúde; 2013. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm.
5. Siqueira RL de, Botelho MIV, Coelho FMG. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência &*. 2002;7(4):800–906. doi:https://doi.org/10.1590/S1413-81232002000400021
6. Fernandes Y. *LGBT+60: Corpos que Resistem - João Nery #Ep1*. Brasil: Projeto Colabora - Youtube; 2018. <https://www.youtube.com/watch?v=wABZUUpFTMY>.

7. Henning CE. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos "Horiidosos LGBT". *Horizontes Antropológicos*. 2017;23(47):283–323. doi:http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832017000100010
8. Rodrigues C. Problemas de gênero na e para a democracia. *Ciência e Cultura*. 2017;69(1):30–34. doi:10.21800/2317-66602017000100013
9. Antunes PPS. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. *Revista Kairós: Gerontologia*. 2017;20(1):311. doi:10.23925/2176-901x.2017v20i1p311-335
10. Correia RL, Rebellato C, Takeiti BA, Reinoso C, Carvalho A De. Género , Sexualidad Y Envejecimiento en la Terapia Ocupacional. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*. 2019;19(1):109–124. doi:10.5354/0719-5346.2019.53686
11. Mills S. *O pior lugar do mundo para ser gay*. Reino Unido: Filmow; 2011.
12. Maricato E. Erradicar o analfabetismo urbanístico. *Revista da FASE*. http://www.labhab.fau.usp.br/wp-content/uploads/2018/01/maricato_analfabetismourbano.pdf. Published 2002.
13. Ávila VF de. " Patience ", capitalism , socialism and endogenous local development Vicente Fideles de Ávila. 2008:85–98.
14. Aldrich RM, Cutchin MP. Being occupied in the everyday. In: Cutchin MP, Dickie VA, orgs. *Transactional perspectives on occupation*. New York London: Springer; 2013:266. doi:10.1007/978-94-007-4429-5
15. Bateson MC. Enfolded activity and the concept of occupation. In: Zemke R, Clark F, orgs. *Occupational Science: the evolving discipline*. Philadelphia: F.A. Davis Company; 1996:466.
16. Guajardo A, Kronenberg F, Ramugondo EL. Southern occupational therapies: emerging identities, epistemologies and practices. *South African Journal of Occupational Therapy*. 2015;45(1):1–8. doi:http://dx.doi.org/10.17159/2310-3833/2015/v45no1a2
17. Kantartzis S, Molineux M. Collective occupation in public spaces and the construction of the social fabric. *Canadian Journal of Occupational Therapy*. 2017;84(3):1–10. doi:10.1177/0008417417701936
18. Adams F, Casteleijn D. New insights in collective participation: A South African perspective. *South African Journal of Occupational Therapy*. 2014;44(1):81–87. <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=ccm&AN=103963671&site=ehost-live>.
19. Wagman P, Håkansson C, Jonsson H. Occupational balance: A scoping review of current research and identified knowledge gaps. *Journal of Occupational Science*. 2015;22(2). doi:10.1080/14427591.2014.986512
20. Tolvett P. vida cotidiana y ocupación : reflexiones desde espacios formativos Conceptualizations of culture , socialization , daily life. *Revista Ocupación Humana*. 2016;16(1):56–69.

21. Tolvett MP. Acerca de Sentido de Comunidad , Ocupaciones Colectivas y Bienestar / Malestar Psicosocial . Con jóvenes transgresores de territorios Populares. 2017.
22. Ramugondo EL, Kronenberg F. Explaining collective occupations from a human relations perspective: Bridging the individual-collective dichotomy. *Journal of Occupational Science*. 2015;22(1):3–16. doi:10.1080/14427591.2013.781920
23. Sakellariou D, Algado SS. Sexuality and occupational therapy. *British Journal of Occupational Therapy*. 2006;69(9):428.
24. Devine R, Nolan C. Sexual identity & human occupation: A qualitative exploration. *Journal of Occupational Science*. 2007;14(3):154–161. doi:10.1080/14427591.2007.9686596
25. Sen A. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras; 2000.
26. Gretschel P, Ramugondo EL, Galvaan R. An introduction to Cultural Historical Activity Theory as a theoretical lens for understanding how occupational therapists design interventions for persons living in low-income conditions in South Africa. *South African Journal of Occupational Therapy*. 2015;45(1). doi:10.17159/2310-3833/2015/v45no1a9
27. Galvaan R. A critical ethnography of young adolescent`s Occupational Choices in a community in Post-apartheid South Africa. 2010:257.
28. Sen A. *Desenvolvimento como liberdade*. 1º ed. São Paulo: Cia. das Letras; 2001.
29. Antunes PPS, Mercadante EF. Travestis, envelhecimento e velhice. *Revista Kairós Gerontologia Temática*. 2011;14(5):109–132. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9902>.
30. Almeida DERG, Dantas JGT, Gentalugli RS. "DJ, Toca o som!" Entre a produção de festas e subjetividades na cena POP GLS de São Paulo. In: *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*. Vol 24. ; 2016:161–168.
31. Crenite MRS, Miguel DF, Jacob Filho W. Abordagem das particularidades da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. *Geriatrics, Gerontology and Aging*. 2019;13(1):50–56. doi:10.5327/z2447-211520191800057
32. SAGE. Advocacy & Services for LGBT Elders. La realidad sobre el envejecimiento de la comunidad LGBT. *internet*. 2020:3. <https://www.sageusa.org/resource-posts/la-realidad-sobre-el-envejecimiento-de-la-comunidad-lgbt/>.
33. Ugá VD. *A questão social como pobreza*. Curitiba: Appris; 2011.
34. Sen A. *Desigualdade reexaminada*. Rio de Janeiro: Record; 2001.
35. Correia RL. Capital social colectivo entre personas mayores: la participación en ocupaciones colectivas como estrategias en terapia ocupacional en desarrollo local. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*. 2018;18(1):91–106. doi:10.5354/0719-5346.2018.48455
36. IBGE IB de G e E-. IBGE cidades. Panorama populacional brasileiro. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Published 2010.

37. Macedo YM, Ornellas JL, Bomfim HF do. COVID – 19 NO BRASIL: o que se espera para população subalternizada? *Revista Encantar*. 2020;2(1):1–10. doi:10.5935/encantar.v2.0001
38. Kalache A, Silva A, Ramos L, Louvison M, Veras R, Lima K. Pandemia da Covid-19 e um Brasil de desigualdades: populações vulneráveis e o risco de um genocídio relacionado à idade. *ABRASCO - GT Envelhecimento e Saúde Coletiva*. 2020.
39. EternamenteSOU. EternamenteSOU. internet. <https://eternamentesou.org>. Published 2017.
40. EternamenteSOU Rio de Janeiro. EternamenteSOU Rio. Página do Facebook. <https://www.facebook.com/EternamenteSou-Rio-108995977353012/>. Published 2020.
41. Soliva TB. Sobre afetos e resistências: uma análise da trajetória da turma OK (Rio de Janeiro, Brasil). *Sexualidad, salud y Sociedad*. 2019;(31):57–80. doi:http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.31.04.a
42. Fundação Getúlio Vargas. FGV. Onde estão os idosos? Conhecimento contra o Covid-19. 2020. <https://cps.fgv.br/covidage>.
43. Fundação Getúlio Vargas. FGV. FGV Social divulga perfil da população idosa do Brasil: Letalidade da covid-19 entre pessoas com 80 anos é 13 vezes maior. *internet*. 2020.

Contribuições das autoras: **Ricardo Lopes Correia** foi responsável por conceber a ideia do texto, composição, busca bibliográfica e redação. **Marcos Corrêa, Rogério Pedro, Yvone Lindgren, Wallace Ribeiro e Indianara Siqueira** foram responsáveis pela redação, pesquisa, composição e revisão.

Agradecimentos: A todos envolvidos na rede de apoio da EternamenteSOU São Paulo e Rio de Janeiro. A professora Dra. Carolina Rebelatto pelo apoio e ensinamentos constantes sobre a Gerontologia e Terapia Ocupacional junto a população idosa.

Submetido em: 05/05/2020

Aprovado em: 06/05/2020

Publicado em: 15/05/2020